

MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANO

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

ANO V

São Paulo, Novembro-Dezembro de 1959 — Caixa Postal, 1304

Redactor-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

Director — A. VEIGA DOS SANTOS



O REALEJO REPUBLICANO

Publicamos por ocasião da anterior campanha sucessória o artigo que segue. É o caso do "realejo" republicano. Essa praga não muda, iremos ter nova baderna... Que Deus nos livre dos augúrios nefastos da nova guerra "presidencial"...

O SR. OSVALDO ARANHA E A SUCESSÃO

1. "Parece (diz S. Senhoria) que estão complicando demais um episódio que deveria ser um simples acto de rotina da nossa democracia... ou o Brasil está em condições de praticar a democracia ou não está. Se está, não há motivo para essa tragédia em que estão transformando um acontecimento rotineiro como a sucessão. Se não está, vamos voltar à escravidão" (Entrevista no Rio-Grande do Sul, divulgada pela Agência Meridional).

2. Ora, discutamos o caso, sr. O. A.

A república foi sempre isso mesmo em TODA a América Hispânica. Só os nossos pândegos republicanos históricos, vivendo no mundo da lua, ignoravam a realidade. A ORIGINALIDADE MONARQUICA BRASILEIRA, o nosso maior brasão de honra na América inteira até 1889, fê-lo excepção a essa tragédia a que V. S. se refere. Realmente, os mais países gangorreavam (e nós agora com eles!) entre a república democrática, liberal, idiota, lunar, e a escravidão à ditadura republicana, V. S. tem razão: "O Brasil não está em condições de praticar a democracia"... estrangeira, alheia à formação histórica nacional. Ademais, o "acontecimento rotineiro da sucessão" não é nacional. Outra seria a nossa sucessão: Morreu o Imperador. Viva o Imperador! Muito simples. Estamos repetindo inutilmente a desgraça da Regência de 1831-40. Em 1937, apoiando calorosamente (facto histórico inegável) a fundação do Estado-Novo o Povo Brasileiro demonstrou que aceitaria o seu Regimen Tradicional — a MONARQUIA! Se foi mal aproveitado o entusiasmo popular, isso é outra questão. O povo apoiou o princípio "monárquico" da reforma de 37. O mal foi continuarem muito re-publicanos os actos de muitos responsáveis que adiaram o plebiscito, dando ênfase somente ao aspecto autoritário sem atenção à base social-trabalhista e familiar implícita na instituição. Coarcou-se a liberdade,

A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA EM PORTUGAL, E FATIMA

Um jornalista belga para dar uma ideia de coisa desatinada, chegou a criar uma expressão que se generalizou na Europa: "portugaliser".

A República, realmente, havia arrasado o que escapara do glorioso tussado português. Confiscou os bens eclesíásticos, expulso o clero regular e até proibiu que as procissões saíssem à rua. Furtou tudo. Templos, quadros, imagens, alfaias, que foram vendidas a particulares ou foram parar nos museus do Estado. Em 1915, em plena guerra europeia o país estava reduzido à miséria, os gabinetes ministeriais caíam de quinze em quinze dias, organizados e demitidos pela Loja Lusitânia, instituição de fins exclusivamente políticos, instalada no Bairro Alto em Lisboa. Portugal era um espectáculo triste, renunciando a um dos mais gloriosos nomes da História do Mundo, e fazendo seu povo sofrer as mais duras provações. Foi em meio a essas calamidades que Nossa Senhora se resolveu a vir em socorro da terra e da gente que dissonava o seu culto no novo mundo, levando-o ao mais distante interior americano, nas próprias selvas desconhecidas da civilização. Foi sob a invo-

cação de Nossa Senhora de Fátima, que Portugal retomaria sua missão de erguer altares à Virgem Santíssima, Mãe do Salvador. Assim se expressou o Papa Pio XII, em sua proclamação dirigida aos católicos portugueses em 31 de outubro de 1942, ao consagrar a humanidade ao Sagrado Coração de Maria, referindo-se aos prodígios de Fátima: "Nua hora trágica de trevas e desvaivamento, quando a nau do Estado Português, perdido o rumo de suas mais gloriosas tradições, desgarrada pela tormenta, anti-cristã e anti-nacional, parecia correr a segura naufrágio, tormenteira, aliás presentes e mais inconsciente dos futuros, cuja gravidade aliás nenhuma prudência humana, por clarividente que fosse, podia então prever, o Céu que via uns e previa outros, interveio piedoso, e das trevas brilhou a luz, do caos surgiu a ordem, a tempestade amainou e da bonança Portugal pôde encontrar o perdido fio das suas mais belas tradições de Nação Fidelíssima, para continuar como nos dias em que "na pequena Casa Lusitana, não faltavam cristãos atrevidos", para a "lei da vida eterna dilatar", na sua rota de "povo cruzado e missionário".

3. "Vamos voltar à escravidão"! diz V. S., e diz bem. se se referir ao que tem havido na Ibero-América desde a sua separação da Espanha e no Brasil desde 89. Voltar à escravidão ditatorial republicana.

Mas por que não contrário da América Espanhola que não tem saída... por falta de Dinastia, de Rei, por que não voltaríamos antes à nossa Liberdade Imperial, à nossa ORIGINALIDADE? O BRASIL E IMPÉRIO "pela própria natureza", pela Tradição, pela História. A Monarquia é CONSUBSTANCIAL ao Brasil. República entre nós é doença, é câncer.

Foi ela mesma, a MONARQUIA, que acabou paulatina e, afinal, "aureamente" com o acidente histórico da escravidão africana, sem a efusão de sangue e ódio dos norteamericanos republicanos... Aliás, a actual escravidão-republicana que padecemos é, sobretudo, o triste fruto podre da abolição; demais, a situação marginal das populações negras é MAXIMAMENTE corolário do "irrealismo" republicano.

No Império o Brasil, apesar de tôdas as falhas "acidentais" a corrigir no NOVO IMPÉRIO (Patrianovista), alteava-se como uma grande Pátria livre e soberana. Na república, temos vivido sob escravidões ditatoriais, partidárias, do estados-de-sítio e outras misérias, além de servís a Estados estrangeiros, aos quais pedimos licença para viver... como eles querem...

Ou voltamos ao IMPÉRIO, regimem nosso, ou... continuaremos na escravidão, tenha esta o nome que tiver: democracia, ditadura, estado-novo...

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

Augusto de LIMA JÚNIOR, "História de Nossa Senhora em Minas Gerais", cap. XXIX (Nossa Senhora de Fátima).

MESA REDONDA NA TELEVISÃO RECORD, CANAL 7

No dia 10 de novembro, compareceram àquele canal de televisão, o nosso Chefe Geral, Dr. Arlindo VEIGA DOS SANTOS e os nossos correligionários, Dr. Benjamin A. Salles Arcuri e Dr. Antônio de Queiroz Telles, para discussão sobre o tema: Monarquia ou República, com um grupo ilustre de advogados do regime realista (nos dois sentidos).

Infelizmente o adiantado da hora lançou-se à meia noite e dez minutos: fez perder-se a repercussão maior que teria tido fosse o programa iniciado mais cedo.

Deu pena ver os nossos antagonistas (especialmente o comunista) massacrados não só pelo Dr. Veiga, mas também pelo "malicioso" Queiroz Telles e pelo vibrante Salles Arcuri.

Dita Mesa Redonda foi elegantemente conduzida pelo jornalista e radialista Dr. Wandick de Freitas e organizada pelo Dr. Murilo Antunes Alves, festejado cronista político da Assembléia Legislativa de São Paulo.

JOP

NO DIA DOS MORTOS PATRIANOVISTAS

Amigos, glória! glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade!

Glória pois a nós próprios, já que a boa vontade mais uma vez aqui nos reúne! E, assim sendo, vamos considerar:

Quantos somos? De onde viemos? Para onde vamos?

— Quantos somos: — somos poucos, pelo menos aqui somos poucos; mas isso não obsta, que muito pode ser feito por poucos!

— De onde viemos? — viemos das Monarquias, temos um passado de glórias, e bem sabemos avaliar quanto vivemos fora da realidade nacional!

— Para onde vamos? — vamos para uma nova Monarquia! Quem não vê que para ela caminhamos, para reconquistarmos a nossa "originalidade brasileira nas Américas"?

Depois que um Deputado chega ao ponto de declarar em plena Câmara, que seria bem voltarmos à Monarquia, a título de experiência, cremos que ninguém ignora este fato ocorrido há poucos meses! ninguém mais pode duvidar de que o regime periclitou...

Allás, nem precisaríamos citar tal fato: Então o Cacareco não é o sinal mais evidente da decrepitude de uma república mais?

A candidatura do Cacareco, não é o absurdo, não senhores! Absurdo é o eleitoralismo; absurdo é esta falta de bom-senso; absurdo é esta república estranha, esta democracia patranheira!

Ora: cientes de tudo isto, se somos poucos ou muitos, não importa; o que importa é que sabemos de onde viemos e sabemos para onde vamos, talvez muito mais breve do que parece, porque já não é possível perdurar este estado de coisas.

Que a república periclitou é uma verdade; que um novo regime se impõe, não é menos verdade; e qual seria essa nova forma de governo do país, não aquela, a única que é capaz de assegurar a grandza e a prosperidade, senão a Monarquia realizadora da perpétua União Nacional?...

OS TRÊS PEDROS

Quem considera o Passado,
e é patriota verdadeiro,
repete de coração:
Viva Dom Pedro I!

Quem considera o Presente,
e sonda o regime a fundo,
se é sincero e justo clama:
Viva Dom Pedro II!

Quem considera o Futuro
de um Brasil mais brasileiro,
a voz ergue aos quatro ventos:
Viva Dom Pedro III!

Antonieta BORGES ALVES
15-11-1959

NOSSOS MORTOS

Mais dois dos nossos foram integrar a falange patrianovista no Céu: São Iles Ernesto Bordignon e Gustavo Barroso.

O primeiro era da nova guarda e irmão dos nossos Chefes ulinos Regional e Municipal de Passo Fundo: sr. Euclides e Osvaldo Bordignon.

O segundo foi dos primeiros a inscrever-se no Conselho Patrianovista carioca, tendo passado a militar depois em outro movimento, mantendo-se porém sempre fiel à Doutrina Patrianovista que ele reconhecia como a verdadeiramente integral.

Morte não é extinção. Os mortos, vivos em Deus, estão presentes. O descanso em paz que lhes deixamos é um "Glória", incessante perante Deus, para que o Brasil se salve desta calamidade que estamos vivendo.

AQUI ESTAMOS PARA A REDENÇÃO!

Em magnífica síntese, o nosso caro Chefe Geral Dr. Arlindo VEIGA DOS SANTOS, no número passado de MONARQUIA, deu-nos esta nítida fotografia da vida econômico-financeira através da qual, o regimen, está destruindo a Nação:

"...o regimen, em regra predatório e ladrão, só olha para os "seus" para obras materiais, demagógicas, "de aparência"; desperdiça, desvia, inflaciona, empobrece a Nação... e vive, ademais de tudo e apesar de tudo e de todos os roubos, mendigando internacionalmente o que DEIXA sair do país pelas mãos dos gatunos internacionais que "traçam" capitais que nos... descapitalizam no "retorno" das migalhinhas doces e das TONELADAS nossas".

Dificilmente em matéria de descrição de qualquer coisa em situação, se poderá dizer tudo em tão poucas palavras. Como, porém, há muita botocudo por esse "país das maravilhas" que tem a sua pobre inteligência titulada pela "imprensa sadia" republicana, interessada na continuidade do regimen de demagogos e aproveitadores, obediente às determinações de seus orientadores e financiadores internacionais, passo à citação de alguns factos que — por serem reais — provam e comprovam aquelas afirmações iniciais.

X X X

Velha máxima republicana é dizer-se que o Brasil é um país sem capitais. Sempre me neguei a aceitar este axioma derrótilo, antes sempre o julguei espalhado subrepticamente pelas forças internacionais interestadas em nos ver eternamente a reboque dos seus interesses meliões e anti-brasileiros, impossibilitados de nos lançarmos, assim, à conquista, por nossos próprios recursos, da nossa independência econômica. Vejamos, portanto, se há razão no que digo, ou se "óleos" é que estão com a razão:

Quando Ministro da Fazenda o falecido Sr. Correia e Castro (no grunhido de Sr. Gal. Dutra) projetou-se a instalação de refinarias de petróleo no Brasil. A grita foi enorme. Entrou a "imprensa sadia" em campanha de alto estilo a combater a ideia, porque "não tínhamos capitais para tamanha aventura". Os PRATO-IOTAS nacionais (isto é, os patriotas de prata e da colher, das comilanças, das "marmeladas", das reubarbeiras...) puseram-se em campo, em côm com a tal imprensa, a repetir que éramos um país pobre; que o governo não deveria atender à pressão dos nacionalistas que não possavam do quintal-colunas urssistas (embora, posteriormente, estes quintal-colunas se tenham, realmente, infiltrado entre os nacionalistas autênticos); que se deveria deixar a culpa para a iniciativa privada (isonímio de capital estrangeira...) etc. Que aconteceu, então? O honrado Sr. Gal. Dutra (em certas ocasiões não adianta ser-se APENAS honrado...) premido por essa atordá — e que sabe lá por que outras causas — autorizou a construção, ao lado das da PETROBRAS, de duas refinarias particulares "nacionais", isto é, dirigidas por TESTAS DE FERRO "nacionais"; a de Mangunhos, no Distrito Federal, e a de Capuava, na capital paulistana, aquela através de uma concessão apresentada ao filho do próprio Ministro da Fazenda Sr. Correia e Castro, AMBAS FINANCIADAS pelo Banco do Brasil.

Ora, se o Banco do Brasil (quer dizer: o Governo, a Nação, o Estado...) não tinha dinheiro para construir as suas próprias refinarias, como se explica que o tenha tido para financiar as particulares? Se éramos um país sem capital — e no dizer dos tólos e dos safados que continuam a existir no país, continuamos a ser — não poderíamos ter financiado a construção de refinarias particulares. Entretanto nós, não só financiamos as particulares, como construímos as refinarias de Mangunhos e de Capuava, ambas do Estado, isto é, da PETROBRAS, com dinheiro EXCLUSIVAMENTE NOSSO. Portanto, NÃO HOUVE FALTA DE CAPITAL NACIONAL, para aqueles empreendimentos. Havia; houve e ainda há, apenas, FALTA DE VERGONHA e FALTA DE REGIMEN que bem governa este país. Na Ré pública, entretanto — por isso não se deve estranhar esta falta — as faltas são o seu apêndice mais qualificado. Falta-lhe tudo: arroz, feijão, carne e por isso mesmo, mais caracteristicamente, vergonha...

X X X

Passados alguns anos, eis que surge no "país das maravilhas" mais um presidente — já tivemos uma enxurrada doces, em 70 anos de RE... — que, na ansia de fazer alguma coisa de útil à nação, imagina uma terço de metas, com elas pretendendo fazer o Brasil avançar 50 anos em apenas 5. Realmente, quis e conseguiu. MAS, A QUE PREÇO? Vejamos mais alguns factos que nos dão a medida exacta desse preço:

A empresa Volkswagen do Brasil construiu e está construindo (note-se que cito esta empresa ao acaso) poderia citar todas as outras, com histórias absolutamente idênticas...) uma grande fábrica de automóveis na via Anchieta, a meio caminho entre Santos e São Paulo. Esta fábrica custou centenas e centenas de milhões de cruzreiros. Pois bem: somente uma entrada de 1.000 carros que o governo a autorizou a importar recentemente, lhe deu um lucro nunca inferior a 100.000.000 (Cem milhões) de cruzreiros, pois ditos carros lhe ficaram em aproximadamente 300 mil cruzreiros cada um e foram entregues a seus revendedores a, apressadamente, 400. Com este lucro extra (pois que já estava obrigada a construir os tais carros no Brasil) e com aqueles anteriores auferidos com outras importações de carros efetuadas durante vários anos, a Volkswagen do Brasil construiu a "sua" fábrica de graça, isto é, po-

que-lha m
a pagar p
ou para o

Porto
estrangri-
ajuda de
se deixam

para fazer
nem capi-

Dit
que espe
importada

TEMOS E

Pob
ascendem
lars exis
se merc
cambio, e
produzido

Estu

es seus
tenham
pagamos
preços d

dólares q
lige, co
para fabri

SIMO no
"macaco
dendos e
se os pro

de suas

Não
e, agora,
de 1939

remetera
de dólar

dólares m
das met

Ma
Nós não
estimada

capataze
conhecim
grandes
conças.

para pro
e deslav
temos.

magnific
do interi
inventar

PRIOS I
tornos n
com par

ROMI,
mam do
tia de

E
Iboira li
e nem

tria, qu
Falta-na
de infla

ralismo
de Naç

Py

nossas
sérias i
nações.

Pr
feito pr
1834 -
de nove

C
que são
bre conc

te dent
e golpe
nitiva e

empree
otiro c
redençã

Vi
leva à

gou-lha o povo brasileiro, através dos preços exorbitantes que é obrigado a pagar por ditos automóveis se os quiser possuir para o seu trabalho, ou para o seu conforto.

Portanto, os brasileiros têm dinheiro. Não precisam do dinheiro estrangeiro para construir as suas fábricas. Precisam, APENAS, da ajuda do governo que sejam EXCLUSIVAMENTE brasileiros e que não se deixem embair pelas balanças que são espalhadas pela "imprensa séria", para fazer crer a ignorantes nacionais que somos, realmente, um país sem capitais.

Dirão os safados, a esta altura, que me "pegaram no pulo", pois que escondi o facto principal da questão: a maquinela precisa ser importada e paga com dólares e, sentenciando ex cathedra: **NÓS NÃO TEMOS DÓLARES!**

Pobres diabos. Não sabem o que dizem: ou, melhor, sabem, mas escondem a verdade ao povo, enganando-o criniosamente. Os dólares existiram e continuam a existir e são comprados pelos interessados, no mercado livre, quando não através de concessões "especiais" de câmbio, dadas pelo governo. Por isso pagamos caro pelos materiais aqui produzidos por esse tipo de indústria.

Essas indústrias têm que transferir para os seus países de origem os seus lucros e o preço de suas licenças de fabricação. Desde que tenham grandes lucros (realizados através dos altos preços por que pagamos os seus produtos), poderão pagar, sem nenhum risco, os altos preços do dólar no mercado livre, transferindo para as suas matrizes os dólares que acham razoável receber como remuneração da "sua" capital (que, como vimos, não foi nenhum...) e das licenças que concederam para fabricação dos produtos de sua marca. Fizeram, portanto, ALTÍSSIMO negócio. Têm as suas fábricas construídas e presentes pelos "macacos" brasileiros e recebem um número de dólares — como dividendos e como licenças — que não receberiam, de forma nenhuma, se os produtos não fossem aqui fabricados, mas importados, simplesmente, de suas fábricas no estrangeiro.

Não foi até que o falecido Presidente Getúlio Vargas já dissera e, agora, o Sr. Gal. Teixeira Lott repete (A Gazeta — 26/11/59) que, de 1939 a 1952, em "... quase três lustros, as empresas estrangeiras remeteram para o exterior lucros confusos no valor de 800 milhões de dólares. VALE DIZER QUE O BRASIL SE DESCAPITALIZOU, a uma taxa média de 55 milhões de dólares por ano. Com 800 milhões de dólares realizamos todas as compras externas para a plena execução das metas governamentais nas indústrias de base" (grifos nossos).

Mai, aduzirão, ainda, os safados botocudos: e o "know how"? Nós não temos o "know how"! Desculpe-me este "latido" que foi ensinado a certos "brasileiros" sem imaginação e sem cultura, pelos seus capatazes anglo-saxões). Querem com isto dizer que não temos os conhecimentos técnicos necessários para instalar e fazer funcionar estas grandes parcos industriais; que, por isso, temos de lhes pagar as licenças, para fabricar os seus produtos, já que não temos capacidade para produzir aqui coisas novas. Outra balala. Outra mentira cinica e deslavada. Capacidade técnica não nos falta. E, a prova disso, nós a temos, entre outros exemplos espalhados por esse imenso Brasil, nos magníficos pioneiros ROMI, de Santa Bárbara d'Oeste, pequena cidade do interior de São Paulo, que, sózinhos e sem nenhuma ajuda estrangeira, inventaram e produziram o de resto até EXPORTAM PARA OS PRÓPRIOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE e ALEMANHA, fôrmas mecânicas leves e pesadas, com melhoramentos de sua invenção, com patentes internacionais que registraram, cobrando, ainda, eles os ROMI, o tal de "know how" daqueles que, com orgulho tolo, nos chamam de "macacos" e incompetentes, para criar a nossa própria indústria de base.

X X X

É tempo, senhores republicanos, de acabarmos com essa bandalheira inominável. Não nos faltam nem dinheiro nacional, nem dólares e nem conhecimentos técnicos para construirmos a nossa própria indústria, que nos dará, em pouco tempo, a almejada independência económica. Falta-nos, APENAS, regimen político que produza bons governos, livres de influências estrangeiras perniciosas, estabelecidas através do clientelismo e da partidocracia domagógica, contrárias aos nossos interesses de Nação livre e soberana.

Precisamos, APENAS, de um regimen político que, conforme às nossas TRADIÇÕES e à nossa índole, nos dê ordem e paz social, necessárias ao desenvolvimento do trabalho que constrói e engrandece as nações.

Precisamos do IMPÉRIO que no passado recente — embora imperfeito pelo liberalismo que nele se infiltrou através da Ata Adicional de 1814 — fez a grandesa do Brasil, que a RÉ pública, a partir de 15 de novembro de 89, destruiu e espezinhou.

Como brasileiros; como patriotas; apelamos para a reserva moral que são as gloriosas Forças Armadas do Brasil, para que se redimam do erro cometido em 89. ENQUANTO É TEMPO, porque as forças internacionais interessadas na destruição do Brasil, estão agindo impune dentro de nossa própria casa e, dentro de alguns meses, desfecharão o golpe que acreditam ser o de misericórdia, para o completo e definitivo dominio sobre nós. Aqui estamos A VOSSA DISPOSIÇÃO, para repropormos, através de um regimen político nosso (e não estrangeiro) como a república ou IMPÉRIO ORGANICO PATRIANOVISTA, a redenção total do Brasil!

Viva o Brasil eterno e Imperial! Morra brevemente a RÉ que o leva à destruição!

João de OLIVEIRA PINHO

DESAFIO À CORAGEM E GENEROSIDADE DOS BRASILEIROS

Os tais governos dos estados "democráticos" emergidos da última guerra mostram-se incapazes como condutores ou orientadores da humanidade saída da tormenta.

Está faltando um Estado verdadeiramente lider do Mundo Novo. Poderá sê-lo o IMPÉRIO BRASILEIRO, comandando a Nação-Síntese cristã, católica, humana, ecumênica, que é natural e tradicionalmente o Brasil.

Todos os outros estados fracassaram por incompreensão, egoísmo ou idiosincrasias inumanas, e arrastam o mundo aos caos. Carecem de espírito, de desinteresse, de plasticidade rática, de coração, de caridade.

Poderemos ocupar em breve o lugar vago. Este é um desafio lançado por PÁTRIA-NOVA aos Brasileiros.

ADVERTÊNCIA DO ALMIRANTE SALDANHA DA GAMA A FLORIANO PEIXOTO

V. Excia., não ignora que se eu estivesse aqui no 15 de novembro as coisas ter-se-iam passado de outro modo.

Leia

O ESTADO É MEIO E NÃO FIM

J. C. ATALIBA NOGUEIRA

Em todas as Livrarias

PATRIANOVISMO EM MINAS-GERAIS

Quando da clarinada inicial patrianovista, em 1929, em Minas-Gerais foram o jornalista Leonel Fontoura de Oliveira e o sr. P. Álvaro Negromonte, aqui em Caratinga, isto em Belo-Horizonte, os primeiros ecos à nossa chamada patriótica.

Entusiasmo, competência, devotamento sobravam no ilustre caratinguense. Nomeámo-lo, pois, Chefe Municipal Patrianovista e jamais nos arrependemos da sua nomeação. Em meio de intensos trabalhos profissionais e da manutenção do seu "O Município", dedicou-se à Causa Patrianovista que rotava e renovava no País o salvífico Pensamento Monárquico. Breve o operoso Chefe nomeava os seus Conselheiros Municipais e, pela circunstância feliz do veículo jornalístico, expandia o Movimento por toda a Província, podendo-se dizer que a patrianovização mineira máximamente a ele se deveu, sempre em contacto com a Chefia Geral e, depois, com os Encarregados e, afinal, com o Secretário Geral que nomeei, descentralizando o muito serviço da fundação de braços patrianovistas em todo o Império, que eu ia pessoalmente realizando a par da estrutura geral do Movimento, inteira novidade no Brasil, diferente de tudo quanto se fizera antes. Os que depois se lhe assemelharam foram: um, fruto de traição; outro, o Integralismo, um oportunismo político.

LEONEL FONTOURA DE OLIVEIRA, embora a defeccção de muitos, está na brecha, até hoje. Operando de um modo ou de outro, nunca parou. Está de pé, apesar de todas as preocupações de exemplar chefe de família, de profissional consciencioso e das misérias da vida económica republicana, amargurada especialmente dos homens honestos.

Em momentos de vacância da Chefia Provincial em Minas, exerceu prática e eficazmente o Comando Patrianovista na sua gloriosa Província. E nunca desertou das fileiras de PÁTRIA-NOVA, nunca traiu. É LEGÍTIMO FIDALGO. Não precisa de títulos. É porque é. Muitas vezes as honrarias escondem a patifaria. Devíamos esta homenagem ao humilde GRANDE CHEFE.

Entre as obras a que deu o seu fervoroso carisma, em particular, se enumera a da herma ou da estátua a Dom Pedro II em Caratinga, levada a efeito com a tenacidade de brasileiro de estirpe. Escondido em uma distintíssima Comissão, a que desajamos transmitir os nossos parabéns sinceros, foi, sem desar dos mais, a mais rija mola do louvável empreendimento.

Aqui vão os nomes do referido grupo de idealistas: — Presidente, dr. Arquimedes Theodoro; vice-presidente, dr. José de Paula Maciel (Vice-prefeito municipal); secretários, sr. João Baptista Pereira da Cunha e António Fraga Filho; tesoureiros, sr. LEONEL FONTOURA DE OLIVEIRA e Sebastião de Campos Fernandes Leão; directores técnicos, os sr. dr. José Maria Lopes Abolha e João de Faria Netto; consultor jurídico, dr. Kluck Fernandes de Oliveira.

Agora, como bons mineiros não podem "parar no ponto", resolveu a Comissão transformar-se em Mesa Directora da SOCIEDADE DE AMIGOS DE DOM PEDRO II para prosseguir em variado campo a obra encetada com o monumento ao Imperador Magnânimo.

Quem louva o nosso amigo também a nós nos louva de certa maneira. Desajamos cordialmente que o louvar aqui traçado sobre LEONEL FONTOURA DE OLIVEIRA seja honra e louvores para os seus companheiros na antiga Comissão e ora Mesa Directora da navel SOCIEDADE DE AMIGOS DE DOM PEDRO II.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS

"LA TRADICIÓN"

"MONARQUIA" acaba de ser visitada pela revista cujo nome encima esta nota. E' um "boletim periódico de cultura católica".

Dirigido pelo vmo. P. Francisco Hervé Le Lay é uma autêntica cidadela da ortodoxia católica, contra todas as molezas, as indefinições, todas as "traíçõeszinhas", todas as mãos estendidas e boazinhas que introduzem a quinta-coluna no Santo dos Santos da doutrina da Santa Madre Igreja.

Nós, que já tomámos há muitíssimos anos uma POSIÇÃO definida em face do molusquismo de tanta gente, saudamos festivamente o colega que ora conhecemos e aqui, com os mais profundos e cristãos agradecimentos, damos o endereço da preciosa revista como propiciação de correspondência de todos aquêles interessados no trabalho universalista doutrinário que é o de PATRIA-NOVA desde o seu nascimento em 1928, pois tanto nós repugna a tibieza espiritual como aqueloutra a que chamaremos TIBIEZA DOCTRINÁRIA, que tamanho mal tem feito nas fileiras católicas em todo o Ocidente.

"La Tradición", Tala, Provincia de Salta, Argentina.

LEIA

Filosofia Política de Sto. Tomás de Aquino

de A. VEIGA DOS SANTOS
nas Livrarias

SALVAÇÃO DO BRASIL

- Compadre, na próxima eleição nós vamos salvar o Brasil.
- Como, compadre? Isto aqui não tem mais jeito.
- Nós vamos eleger outro presidente da república, outros governadores, outros senadores, outros deputados, outros prefeitos, outros vereadores!
- Desde que eu era mocinho que se fala disso, compadre!
- Mas desta vez, vai mesmo.
- E os candidatos pra tudo isso? Quem os escolhe? Nós?
- Ué! E' mesmo... Não podemos. São os partidos ou são eles mesmos, os candidatos a candidatos, que se escolhem; não é o povo que os escolhe na democracia, na república. Além disso, nós conhecemos quando muito só o pessoalinho da nossa vila: o vigário, o professor, a professora, o delegado, o boticário, o tipógrafo e mais alguns...
- Mas, pensando bem, compadre, estou vendo que você é amigo da onça.
- Homens! Por que, compadre?
- Por que? Por que? Está na casa. O presidente da república, que está aí, não nomeou uma porção de gente da família dele, dos amigos dele, dos cabos eleitorais dele, dos eleitores dele, dos amigos da família dele, das famílias e dos amigos dos cabos eleitorais dele, das famílias e dos amigos dos eleitores dele?
- E' verdade, compadre! E todos estão ganhando um dinheirão que daria para fazer maravilhas para a grandeza do Brasil, para educação, para assistência, para financiamento da lavoura, para salvar o milhão de crianças que morrem no Brasil antes de completarem um ano de vida, para fazer estradas e melhorar os transportes, para melhorar a marinha mercante de cabotagem e de longo curso, para fortalecer a Marinha de Guerra, a Aviação, para melhor aparelhamento do Exército Nacional, para reforçar o policiamento, para as pesquisas científicas, para ajudar a Igreja Católica e todas as suas obras culturais, assistenciais, missionárias e intelectuais que vivem na tanga, etc., etc...
- Puxa, compadre! Você já está sonhando com o dinheiro que eles manjam, hein! Mas não fizeram a mesma coisa que o presidente os governadores que estão aí, os senadores que estão aí, os deputados que estão aí, os prefeitos e vereadores que estão aí?
- Quase todos fizeram a mesma coisa e até pior, como dizem os jornais e as estações de rádio.
- Então, como vai ser, se todos eles que já estão cheios saírem para entrarem outros que chegarão vazios? Não disse que você é amigo da onça?
- Humm! Parece que o negócio ainda ficará pior, não?
- Sem! Depende...
- Mas a lei exige novas eleições, mudanças, novidades... Muitos dêsses tais que estão aí não ficaram ricos à nossa custa, à custa do povo?
- Ficaram. Aumentaram impostos, fizeram negociações, arranjaram privilégios de todo jeito, favoreceram parentes indignos, receberam gorjetas para fazerem certas leis e posturas, deram facilidades a empresários estrangeiros em prejuízo do nacionais, usaram "sumoquizações" escandalosas como disse o senador Moura, etc., etc.
- Tudo isso, infelizmente, é verdade.
- E os novos que vierem irão confiscar todo o produto dessas trapanças?
- Acho que não! Talvez planejem até repetir a mesma coisa.

— Os novos que vierem irão "desnomear" todos os funcionários encostados, vagabundos, vadios, incompetentes e que atendem a gente com raiva?

— Acho que não! Dizem que não pode por causa das repúblicas "direitas adquiridas"...

— Os novos que vierem vão destruir todos os privilégios republicanos concedidos de mil maneiras?

— Acho que não!

— Os novos que vierem vão desfazer todas as injustiças cometidas pelos que aí estão?

— Acho que não!

— Então não adianta nada haver novas eleições, se tudo TEM DE SER igualzinho ao que está, ainda com os gastos imensos e encarecimento de tudo, como sempre acontece depois das eleições.

— Agora compreendi tudo, compadre, e vejo que você tem razão ao me chamar de amigo da onça. Com efeito, não adianta nada mudar os homens, pois o regime é, por isso mesmo, os costumes continuarão os mesmos. A república é uma casa da sogra, ou uma empresa de negócios, dirigida por parentes interesseiros e ladrões por necessidade, irresogros, que não se importam com o bem da empresa, PORQUE A EMPRESA NÃO É DEFINITIVAMENTE DÊLES, a empresa não está ligada à sorte dêles, à vida dêles, à glória dêles, à honra dêles, ao futuro dêles, aos filhos dêles. Quem sabe se uma DITADURA...

— Qual ditadura, qual nada, compadre! O poder pessoal do ditador não é independente. Ele está ligado de pés e mãos atadas cuja força ocasional os elevou. Não tem liberdade para fazer TÔDA A JUSTIÇA. Ele será um demagogo de tipo diferente dos outros... democráticos, mas será demagogo no duro. Além disso, acaba sempre em boca sem saída, quer seja Cromwell, ou Pilsudski, ou Stálin, Getúlio Vargas, ou qualquer outro...

— Ah! compadre, então é melhor desistir. Estamos perdidos.

— Alto lá, velhinho! Isso não! O Brasil não fez sempre casa da sogra.

— Quando isso?! Desde menino que vejo essa droga da mesma maneira. Não muda... quer dizer: só muda para ficar pior.

— Quando isso? Quando tinha Rei de Portugal ou Imperador do Brasil, o verdadeiro DONO DA CASA, o autêntico DONO DA EMPRESA!

— Você quer dizer, compadre, quando o Brasil era MONARQUIA?

— Justamente, compadre!

— Eu nasci na república... sempre na mesma desgraça... Mas não dizem que isso é coisa atarrada, superada, antiquada...

— Os interessados dizem isso. Os malandres dizem isso. Os tanados dizem isso. Os aproveitadores dizem isso. Os traidores da Pátria dizem isso. Os políticos dizem isso. Vale como elogio para a Monarquia, pois o insulto dos canalhas é levear para os bons. O Rei recebe o poder pela mão da natureza, quer dizer pela mão de Deus, e governa pela consciência e pela soberania nata que não precede de papuletas sêrdidas da demagogia. Ele É INDEPENDENTE E JUSTICEIRO NATO. Não deve a sua posição a ninguém. E' como o pai para o filho que não o escolheu, mas o recebeu de Deus mesmo.

— Sabe que estas conversas me estão interessando, compadre? Há alguém que esteja cogitando dêste milagre?

— Sim!!!

— E' gente importante? Gente que tem força?

— A Causa é que é importante. A Causa é que tem força. Os que se julgam importantes, os megalomaníacos soberbos, por si mesmos afastam Deus da sua obra. Há por aí uns tais PATRIANOVISTAS, que desejam instaurar uma MONARQUIA ORGÂNICA, baseada na integral tradição brasileira, para RESTAURAR a grandeza do Brasil.

— Cria, compadre: com essa revolução você me prestou um grande serviço; você esclareceu o meu sustento. Eu andava no escuro pensando em salvação por meio de bobagens como democracia, eleições continuas, votos e palhaçadas, que cada vez afastam mais a salvação do Brasil.

— Nunca, em época nenhuma, república, democracia e eleições salvaram nação alguma. Quando Deus quer salvar um povo, geralmente o faz como o fez mandando Joana d'Arc por Carlos VII no trono da França ou encaminhando o anjélico Nuno Álvares Pereira a esalçar para Rei o Mestre de Avis, Dom João I. Tudo mais é conversa diabólica.

— Então, compadre, "esse tudo que a Musa antiga canta"!

— Venha a MONARQUIA ORGÂNICA, nem que seja a paulada!

VIVA A MONARQUIA! VIVA O NOVO IMPERADOR!

"Revolução e Contra-Revolução", de Plínio Corrêa de Oliveira. — Nas livrarias.

DIA DOS MORTOS PATRIANOVISTAS — 15 de novembro

Após a missa rezada na Igreja de Boa Morte por Monsenhor Pedro Gomes, às 8 hrs. da manhã, seguiu-se singela solenidade fazendo-se ouvir os patrianovistas poeta Senhora Antonieta Borges Alves que terminou recitando um poema de sua autoria, alusivo à solenidade e que publicamos em outra parte, tendo sido muito aplaudida pelos presentes. A seguir e sucessivamente, com palavras infladas de patriotismo e de saudade daquêles que, junto a Deus, estão rezando para o breve término da "desgraça nacional completa", falaram o professor Arlindo Baptista Pereira, o Dr. José de Oliveira Pinho, o prof. Hugo Paulo Lichtemberger, o Tente Jerônimo Ricardo de Mattos e o Sr. Benedito Pinto Guedes. Encerrou a solenidade o nosso Chefe Geral, Dr. Arlindo VEIGA DOS SANTOS, que, em bellissima lição, comentou o Evangelho do dia aplicando-o acomodadamente à situação do Brasil e à sua missão futura a bem da Cristandade universal.